

Vida e Morte

Vida e morte representam os dois extremos mais profundos da existência humana, inseparavelmente ligados pelo próprio sentido do existir. Desde o primeiro respirar até o último suspiro, toda trajetória humana caminha entre esses dois mistérios que desafiam a razão, despertam reflexões e impulsionam a busca pelo propósito da vida. A consciência da finitude transforma o homem em um ser pensante, capaz de questionar sua origem, seu destino e o valor de cada instante vivido.

A vida, em sua essência, não pode ser compreendida apenas como o simples ato biológico de existir, mas como uma jornada marcada por experiências, escolhas, dores, aprendizados e esperanças. Da mesma forma, a morte não se limita ao encerramento da matéria, mas surge como a grande fronteira filosófica e espiritual que acompanha silenciosamente todos os seres humanos desde o nascimento. Por isso, vida e morte não são realidades opostas, mas complementares, pois uma dá significado à outra.

Ao longo da história, filósofos, poetas e pensadores buscaram interpretar esse enigma universal. Alguns enxergaram a morte como o fim absoluto; outros, como uma passagem para uma dimensão transcendente. Dentro da perspectiva cristã, porém, a morte não possui a palavra final. A esperança se estabelece na promessa da eternidade e na fé de que existe algo além da existência terrena. Nesse contexto, os cristãos alimentam a expectativa do iminente arrebatamento da Igreja, evento profético descrito nas Escrituras Sagradas, no qual os fiéis seriam poupados da experiência da morte física tradicional, sendo transformados para encontrar-se com Cristo. Assim, enquanto a humanidade contempla a inevitabilidade da morte, a fé cristã aponta para a possibilidade da transcendência, onde a vida eterna triunfa sobre a finitude humana.

A realidade é que, desde o momento em que nascemos, iniciamos uma caminhada inevitável em direção à morte. Não existe nenhuma regra que determine que a morte esteja reservada apenas aos idosos, pois a fragilidade da vida alcança todas as idades. Assim, desde o nascimento, o ser humano já possui idade suficiente para morrer, embora naturalmente espere-se que viva longos anos.

Por essa razão, chegar à velhice deve ser compreendido como uma dádiva de Deus e um privilégio concedido a poucos, considerando que nem todos os seres humanos conseguem alcançar uma longa trajetória de vida. Envelhecer, portanto, não representa apenas o avanço do tempo, mas também a oportunidade de acumular experiências, sabedoria e histórias que testemunham a graça de continuar vivendo.

Encontramos na Palavra de Deus a seguinte declaração:

Tiago 4:14

Digo-vos que não sabeis o que acontecerá amanhã. Porque, que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco, e depois se desvanece.

Durante toda a nossa trajetória no mundo presente, dedicamo-nos intensamente à preparação para a vida: buscamos conhecimento, construímos sonhos, estabelecemos projetos e lutamos pela sobrevivência cotidiana. Entretanto, raramente nos preparamos para a realidade inevitável da morte, ainda que ela seja a única certeza comum a toda a humanidade. O homem aprende a viver, mas quase nunca aprende a refletir espiritualmente sobre a sua partida deste mundo.

Sob a perspectiva teológica, a morte não deve ser compreendida apenas como o encerramento da existência biológica, mas como uma transição entre dimensões: da temporalidade para a eternidade, do corpo perecível para a realidade espiritual. As Escrituras revelam que o ser humano não foi criado apenas para a matéria, mas também para a transcendência, carregando em si a consciência da eternidade. Assim, a morte deixa de ser apenas um evento natural e passa a representar um encontro inevitável entre a criatura e o Criador.

Mesmo sabendo que um dia deixaremos a vida biológica, muitos vivem como se a existência terrena fosse permanente. Poucos se dedicam ao preparo da alma, ao fortalecimento da fé e à compreensão do propósito eterno da vida. Nesse sentido, a espiritualidade cristã ensina que a verdadeira sabedoria não consiste apenas em aprender a viver bem neste mundo, mas também em estar preparado para a passagem ao plano espiritual, onde cada ser humano contemplará a eternidade segundo suas obras, sua fé e sua comunhão com Deus.

Nas Escrituras Sagradas encontramos o relato de um homem dominado pela soberba e aprisionado à ilusão da autossuficiência. Sua visão da existência estava limitada apenas ao tempo presente, como se a vida se resumisse ao agora e como se o futuro pudesse ser plenamente controlado por suas próprias mãos. Em sua utopia materialista, desejava apenas desfrutar dos prazeres imediatos, acumular riquezas e satisfazer os desejos da existência terrena, ignorando completamente a fragilidade da vida e a realidade inevitável da eternidade.

Sua consciência estava voltada exclusivamente para aquilo que era passageiro, como se os bens materiais fossem capazes de garantir segurança absoluta e permanência. Contudo, a narrativa bíblica revela o profundo contraste entre os sonhos humanos e a soberania do tempo diante da vontade divina. O homem, em sua arrogância existencial, acreditava possuir domínio sobre os dias futuros, esquecendo-se de que a vida é efêmera e de que nenhum ser humano possui controle sobre o instante seguinte.

Filosoficamente, esse episódio representa a condição de muitos indivíduos que vivem presos à superficialidade do presente, anestesiados pelos prazeres imediatos e distantes das reflexões mais profundas sobre a alma, o propósito da existência e a inevitabilidade da morte. A Bíblia, portanto, não apresenta apenas uma crítica à avareza ou ao orgulho, mas também um convite à consciência espiritual, lembrando que a verdadeira sabedoria consiste em

compreender a brevidade da vida e reconhecer que a existência humana transcende os limites da matéria e do tempo.

Vejamos o que acontece para os jactanciosos.

Lucas 12:16-17-18-19-20-21

16 - E propôs-lhe uma parábola, dizendo: A herdade de um homem rico tinha produzido com abundância;

17 - E ele arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos.

18 - E disse: Farei isto: Derrubarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens;

19 - E direi a minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga.

20 - Mas Deus lhe disse: Louco! Esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?

21 - Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus.

O ser humano possui duas naturezas distintas: a carnal e a espiritual. Contudo, devido às inclinações naturais da condição humana, muitas vezes seus desejos se voltam predominantemente para as coisas da carne, tornando-o prisioneiro dos impulsos, das paixões desordenadas e dos valores passageiros deste mundo.

Sob a perspectiva teológica, a natureza carnal representa tudo aquilo que aproxima o homem de uma vida centrada apenas nos prazeres imediatos, no egoísmo, na vaidade e na satisfação dos desejos temporais. Já a natureza espiritual conduz o indivíduo à busca de Deus, da verdade, da santidade e da comunhão com aquilo que transcende a matéria. Existe, portanto, um conflito interior constante entre essas duas dimensões da existência humana.

As Escrituras Sagradas ensinam que, quando o homem vive exclusivamente para satisfazer os desejos da carne, acaba tornando-se escravo do mundo e de suas ilusões passageiras. Isso porque tudo aquilo que é puramente material é temporário e incapaz de preencher plenamente o vazio da alma. A escravidão espiritual não se manifesta apenas em práticas visíveis, mas também na dependência emocional, moral e existencial das coisas terrenas, que afastam o ser humano de sua verdadeira essência espiritual.

Filosoficamente, essa dualidade revela o drama da existência humana: o homem carrega dentro de si tanto a capacidade de elevar-se espiritualmente quanto a tendência de prender-se ao imediato e ao superficial. Assim, a verdadeira liberdade não consiste em fazer tudo aquilo que se deseja, mas em dominar as próprias inclinações e permitir que a dimensão espiritual governe a vida. Segundo a visão cristã, é somente através da transformação interior e da comunhão com Deus que o ser humano deixa de ser escravo do mundo para tornar-se verdadeiramente livre em espírito.

Baseado nessa tendência o salmista expressou o desejo de conhecer e viver voltado às questões eternas,

Salmos 90:12

Ensina-nos a contar os nossos dias, de tal maneira que alcancemos corações sábios.

O objetivo do texto é:

- Valorizar o tempo;
- Viver com propósito
- Preparar-se para vida eterna.

Toda escola errada que fazemos durante a vida, projeta consequências no tempo presente e conseqüentemente na eternidade, motivo pelo qual o patriarca Josué foi intrépido quando exortou o povo a fazer a escola certa e viver com abundância.

Josué 24:15

Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais; se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam além do rio, ou aos deuses dos amorreus, em cuja terra habitais; porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor.

Enfim, devemos aprender que em um padrão natural, todo ser vivo um dia morre, e na questão do ser humano, torna-se algo complexo, pois sendo um ser espiritual, volta-se a presença de Deus, para desfrutar das benesses celestiais, ou no caso da desobediência, o opróbrio da vergonha eterna, longe de Deus.

Salmos 89:48

Que homem há, que viva, e não veja a morte? Livrará ele a sua alma do poder da sepultura? (Selá.)

Que o Senhor vos abençoe rica e abundantemente.